



CURSO DE PSICOLOGIA

NICOLI RANULFO GARCIA

**O LUTO JUVENIL DIANTE DA NÃO ELABORAÇÃO DO DIVÓRCIO
PARENTAL: UMA ANÁLISE DOS MECANISMOS DE DEFESA DO
EGO**

Sinop/MT

2026

CURSO DE PSICOLOGIA

NICOLI RANULFO GARCIA

**O LUTO JUVENIL DIANTE DA NÃO ELABORAÇÃO DO DIVÓRCIO
PARENTAL: UMA ANÁLISE DOS MECANISMOS DE DEFESA DO
EGO**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à Banca Avaliadora do
Departamento de Psicologia, do Centro
Universitário UNIFASIPE, como requisito
para a obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Prof. Poliana de Lima Freitas

NICOLI RANULFO GARCIA

**O LUTO JUVENIL DIANTE DA NÃO ELABORAÇÃO DO DIVÓRCIO
PARENTAL: UMA ANÁLISE DOS MECANISMOS DE DEFESA DO
EGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia - do Centro Universitário Fasipe - UNIFASIPE, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em ____/____/____

Poliana de Lima Freitas
Professora Orientadora
Departamento de Psicologia - UNIFASIPE

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Coordenadora do Curso de Psicologia
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

DEDICATÓRIA

- Dedico este trabalho a todas as pessoas que em algum momento da sua existência, se sentiram não pertencentes e invalidados. Psicologia é para todos, pois todos precisam da psicologia. Marabô ensina que todos nós temos um lugar ao sol, pois todos nós merecemos estar, onde queremos estar.

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente, expresso minha gratidão a minha espiritualidade e à minha família.
- Quero estender meus agradecimentos a todos aqueles que viram em mim potencial para exercer essa profissão.
- Agradeço aos amigos que fiz nessa instituição, desde alunos a professores que me ajudaram a ser forte, e a continuar minha jornada.

GARCIA, Nicoli Ranulfo. O luto juvenil diante da não elaboração do divórcio parental: uma análise dos mecanismos de defesa do ego. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário Fasipe – UNIFASIPE. 2026. 47f.

RESUMO

Este estudo analisa o luto juvenil diante da não elaboração do divórcio parental, com ênfase nos mecanismos de defesa do ego mobilizados nesse processo. O tema parte do entendimento de que a adolescência é uma fase marcada por intensas transformações emocionais, psíquicas e relacionais e que, quando atravessada pela separação dos pais, pode produzir sofrimento significativo, sobretudo quando a ruptura familiar não encontra espaço para elaboração simbólica. O objetivo da pesquisa foi descrever as consequências do processo de luto juvenil diante da não elaboração do divórcio dos pais, por meio da análise dos mecanismos de defesa do ego. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de revisão de literatura, com base em livros, artigos científicos, dissertações e teses relacionadas à adolescência, ao luto, ao divórcio parental, à psicanálise e aos mecanismos de defesa. A análise da literatura indica que mecanismos como negação, repressão, projeção, deslocamento, formação reativa, regressão, intelectualização, sublimação e falso self podem surgir como tentativas inconscientes de proteção psíquica diante da dor provocada pela ruptura parental. Também foi observado que, quando essas defesas se tornam rígidas, elas podem dificultar a elaboração do luto e comprometer a vida emocional, relacional e identitária do adolescente. Conclui-se que a Psicologia, especialmente a partir da abordagem psicanalítica, exerce papel fundamental na escuta, no acolhimento e no manejo clínico desses adolescentes, favorecendo a simbolização da perda e a ressignificação do sofrimento.

Palavras-chave: adolescência; divórcio parental; luto juvenil; mecanismos de defesa; psicanálise.

GARCIA, Nicoli Ranulfo. Youth grief in the face of unprocessed parental divorce: an analysis of ego defense mechanisms. 2026. 47f.

Final Project – Fasipe University Center – UNIFASIPE

ABSTRACT

This study analyzes adolescent grief in the face of unprocessed parental divorce, emphasizing the ego defense mechanisms mobilized in this process. The theme stems from the understanding that adolescence is a phase marked by intense emotional, psychic, and relational transformations and that, when traversed by parental separation, it can produce significant suffering, especially when the family rupture does not find space for symbolic elaboration. The objective of the research was to describe the consequences of the adolescent grieving process in the face of unprocessed parental divorce, through the analysis of ego defense mechanisms. This is a qualitative, descriptive study, developed through a literature review, based on books, scientific articles, dissertations, and theses related to adolescence, grief, parental divorce, psychoanalysis, and defense mechanisms. The results indicated that mechanisms such as denial, repression, projection, displacement, reaction formation, regression, intellectualization, sublimation, and false self can emerge as unconscious attempts at psychic protection in the face of the pain caused by parental rupture. It was also observed that when these defenses become rigid, they can hinder the grieving process and compromise the adolescent's emotional, relational, and identity-related life. It is concluded that Psychology, especially from a psychoanalytic perspective, plays a fundamental role in listening to, supporting, and clinically managing these adolescents, favoring the symbolization of loss and the re-signification of suffering.

Palavras-chave: adolescence; parental divorce; youth grief; defense mechanisms; psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Problematização	10
1.2 Justificativa.....	11
1.3 Objetivos	12
1.3.1 Geral.....	12
1.3.2 Específicos	12
1.4 Procedimentos Metodológicos	12
1.4.1 Tipo de Pesquisa.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 A Psicanálise e a Psicologia	14
2.1.1 Funcionamento da Psique Humana	16
2.1.1.1 <i>Adolescência na perspectiva winnicottiana</i>	19
2.1.2 As perdas simbólicas da adolescência.....	21
2.1.3 Sentimento do luto.....	25
2.2 Mecanismos de Defesa do Ego e suas Dinâmicas de Funcionamento	27
2.2.1 A Utilização dos Mecanismos de Defesa no Contexto da Adolescência	29
2.3 A não Elaboração do Divórcio Parental e seus Impactos na Vida Psíquica do Adolescente	31
2.4 A atuação da Psicologia no Manejo Clínico do Luto Juvenil diante da não elaboração do divórcio parental	35
2.5 Sofrimento adolescente: uma aproximação com a série Gatunas (Trinkets Netflix)	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Segundo Guimarães, Marinho e Pimentel (2023), o período da adolescência é marcado por intensas transformações emocionais, sociais e cognitivas. Em eventos como o divórcio dos pais, essas situações podem representar um processo de luto significativo para o jovem, ocasionando impactos em seu desenvolvimento e na relação com as figuras parentais (Papalia; Feldman, 2013).

Freud (1917) destaca que o luto é um processo psíquico necessário diante da perda de um objeto de amor, exigindo do ego um trabalho de desligamento e elaboração afetiva. No caso da separação dos pais, ainda que não haja uma morte literal, ocorre uma ruptura simbólica da estrutura familiar, que pode ser compreendida pela psique juvenil como uma perda profunda.

Nesse contexto, Kostulski e Arpini (2025), reforçam que o luto juvenil decorrente da separação dos pais pode desencadear diferentes mecanismos de defesa do ego. Sendo assim, Anna Freud (1936) contribui que os mecanismos de defesa são processos inconscientes conduzidos pelo ego para proteger-se de conflitos internos e da ansiedade. Durante a adolescência, as defesas tendem a se manifestar de forma mais intensa quando a estrutura psíquica ainda está em processo de consolidação, de tal forma que, surgem momentos ou períodos de rebeldia e isolamento, simbolizando como atos de resistência ao sofrimento psíquico (Souza; Torres, 2025).

Diante disso, fica evidente que muitos adolescentes utilizam inconscientemente esses mecanismos não apenas como forma de proteção psíquica, mas também a fim de contrariar a autoridade dos pais, resultando em conflitos familiares e dificuldades na adaptação à nova configuração familiar (Freud, 1998).

Para Klein (1952), durante o principal período de desenvolvimento emocional, o sujeito pode recorrer à idealização ou à cisão como formas de lidar com sentimentos ambivalentes. O jovem, ao vivenciar o processo do divórcio, pode projetar sentimentos como raiva ou frustração associada diretamente a figura de um dos genitores, afastando-se ou confrontando-o como forma de preservar o vínculo com o objeto idealizado ou de se proteger do sofrimento causado pela perda da estrutura familiar original.

Anna Freud (1966) explica que compreender de que maneira os adolescentes

vivenciam as consequências psíquicas de uma separação parental mal elaborada e de que forma esses processos influenciam na dinâmica familiar é fundamental para que ocorra um acolhimento mais adequado desses jovens. Nesse cenário de ruptura familiar, muitos adolescentes recorrem, inconscientemente, a mecanismos de defesa como forma de enfrentamento.

Segundo Anna Freud (1936), esses mecanismos são estratégias norteadas pelo ego cujo objetivo central é proteger o indivíduo de angústias internas e conflitos emocionais. De acordo com a autores, esses mecanismos surgem como uma tentativa desesperada da psique de preservar o equilíbrio frente às exigências do *id* e as pressões da realidade.

Portanto, Lima (2021) observa que nessas situações, a escuta sensível, fundamentada pela psicanálise, torna-se uma importante aliada, pois, além de permitir a identificação de tais defesas, possibilita a criação de um espaço simbólico em que o adolescente pode aprender a ressignificar suas vivências e elaborar integralmente o luto decorrente da separação dos pais.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar quais os mecanismos de defesa do ego estão envolvidos no luto juvenil causado pelo divórcio dos pais, possibilitando uma melhor compreensão sobre como esses comportamentos se manifestam e como podem ser identificados por familiares e profissionais da área. Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para uma melhor compreensão do assunto, auxiliando assim, na criação de estratégias eficazes para apoiar os adolescentes nesse período de transição.

1.1 Problemática

O divórcio, embora diga respeito aos cônjuges, impacta profundamente os filhos, sobretudo na adolescência. Segundo dados do IBGE (2022), em 184.403 divórcios com filhos menores, 50,33% tiveram a guarda atribuída à mãe, 3,34% ao pai e 37,80% em regime compartilhado. Mesmo com avanços legais, a responsabilidade ainda recai majoritariamente sobre a mãe e essa distribuição desigual pode afetar a estabilidade emocional do jovem.

Anna Freud (1966), explica que o luto enquanto experiência de perda, atua de forma que desestrutura intensamente o sujeito durante a adolescência, sendo esta fase caracterizada por intensos conflitos emocionais e psicológicos. Neste cenário de dor, o ego recorre aos mecanismos de defesa para manter sua estabilidade psíquica.

Essas defesas, ao protegerem o ego da dor consciente, trabalham de forma inconsciente, resultando, em alguns casos, na negação da perda ou na formação de comportamentos que buscam esquivar-se da realidade conflituosa (Freud, 1966).

No entanto, quando esses mecanismos não são identificados e mediados, corre-se o risco de ocorrer a cristalização de respostas disfuncionais, comprometendo o processo de elaboração do luto e, conseqüentemente, o desenvolvimento emocional do jovem (Rosa; Valente, 2012). Como explica Anna Freud (1966), compreender o funcionamento dessas defesas no luto juvenil é fundamental para a concretização de intervenções terapêuticas eficazes. Portanto, é necessário reconhecer quando tais mecanismos deixam de ser adaptativos e tornam-se obstáculos à elaboração psíquica da perda ou do luto.

Diante deste contexto, a pergunta norteadora deste estudo é: quais são e como se manifestam os mecanismos de defesa na população juvenil em processo de luto, diante a não-elaboração do divórcio parental?

1.2 Justificativa

Este trabalho busca promover conhecimentos sobre os mecanismos de defesa utilizados pelos adolescentes no contexto do luto decorrente do divórcio dos pais. A compreensão desses mecanismos é essencial para que familiares, educadores e profissionais da saúde mental possam identificar os sinais de sofrimento psicológico e, assim, atuar de forma preventiva com relação ao processo de adoecimento mental, ou ainda, auxiliar adequadamente na recuperação desses jovens, possibilitando que os mesmos tenham um desenvolvimento emocional mais saudável.

Esse tema se torna relevante devido aos altos índices de separações no Brasil, muitas delas envolvendo filhos em idade escolar e adolescente, conforme demonstram os dados do IBGE (2022). Além disso, Juras (2009) observa que o impacto do divórcio nos filhos é frequentemente negligenciado, e o sofrimento emocional é, muitas vezes, interpretado como simples rebeldia ou desobediência, quando na verdade pode refletir manifestações inconscientes de dor psíquica.

Portanto, conforme Lima (2024), compreender como os adolescentes vivenciam o luto da separação parental, e de que forma o ego busca se defender dessa dor é fundamental para promover um olhar mais humanizado e empático sobre essa fase do desenvolvimento.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar o processo de luto juvenil diante da não elaboração do divórcio dos pais, através da análise dos mecanismos de defesa do ego.

1.3.2 Específicos

- Compreender o processo de luto em casos de mal elaboração do divórcio dos pais pela perspectiva psicanalítica;
- Entender os mecanismos de defesa do ego mais utilizados pela psique juvenil nesse contexto de ruptura familiar;
- Identificar como a Psicologia pode atuar no processo do luto juvenil no caso de pacientes que não conseguiram elaborar esse rompimento parental.

1.4 Procedimentos Metodológicos

1.4.1 Tipo de Pesquisa

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de revisão de literatura. Segundo Gil (2019), a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela busca de compreensão aprofundada de fenômenos, priorizando a interpretação do contexto e das relações envolvidas, em vez da mensuração numérica dos dados. Por sua vez, a pesquisa descritiva tem como objetivo principal descrever características de determinado fenômeno ou população, estabelecendo relações entre variáveis observadas (Gil, 2019).

A escolha desse delineamento decorre da própria natureza do objeto investigado, uma vez que o luto juvenil diante da não elaboração do divórcio parental exige uma abordagem interpretativa, voltada à compreensão dos sentidos psíquicos atribuídos à ruptura familiar e às formas defensivas mobilizadas pelo ego na adolescência.

Em relação aos critérios de busca e seleção de fontes, serão incluídos artigos, estudos, revisões sistemáticas, estudos clínicos, livros e teses que abordem o contexto do tema, com publicações compreendidas a partir de 1912 até a atualidade, e que apresentem dados qualitativos sobre a compreensão dos fenômenos. É importante ressaltar que foram utilizadas obras com recorte temporal que se caracterizam como obras mais antigas por se tratar de autores clássicos do tema abordado.

A pesquisa bibliográfica será realizada em bases de dados acadêmicas e científicas, como *Google Scholar*, Scientific Electronic Library Online (*SciELO*), *Scribd* e revistas científicas.

A coleta de dados será realizada por meio da leitura integral e da análise crítica das obras selecionadas para a revisão de literatura. As informações serão examinadas a partir de eixos temáticos relacionados ao objeto do estudo, tais como: o processo de luto juvenil diante da não elaboração do divórcio parental, os mecanismos de defesa do ego mobilizados nesse contexto, os impactos psíquicos da ruptura familiar na adolescência e as possibilidades de atuação da Psicologia frente a esse sofrimento.

A busca também foi conduzida a partir de descritores relacionados ao problema investigado, entre eles: “luto juvenil”, “divórcio parental”, “adolescência”, “mecanismos de defesa do ego”, “luto simbólico”, “psicanálise e adolescência”, “sofrimento psíquico na adolescência” e “ruptura familiar”. Esses termos foram utilizados de forma isolada e combinada, conforme a necessidade de refinamento dos resultados. A intenção foi localizar materiais que tratassem não apenas do divórcio em si, mas de seus efeitos subjetivos sobre adolescentes e das respostas defensivas construídas diante dessa experiência.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A Psicanálise e a Psicologia

A Psicologia surgiu como ciência, no final do século XIX, quando Wilhelm Wundt fundou, em 1879, o primeiro laboratório de psicologia experimental em Leipzig, na Alemanha. Essa data se faz como ponto de partida da psicologia, já que, até então, os estudos sobre a mente estavam exclusivos à Filosofia. A ideia de Wundt era analisar a consciência por meio de métodos científicos, e objetivos (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

Mas enquanto isso, Freud desenvolveu outra abordagem para entender o funcionamento psíquico. Em 1895, publicou estudos sobre a histeria, obra que deu origem à Psicanálise. Colocando que os sintomas psicológicos poderiam ser inconscientes, e que a escuta clínica poderia chegar até esses conteúdos (Freud, 1985).

Diferente do modelo experimental de Wundt, a proposta de Freud falava sobre subjetividade, e a singularidade de cada sujeito. A Psicanálise não se baseava em testes, mas na escuta e na interpretação do inconsciente. Com isso, se inaugurou um novo modo de compreender o sofrimento psíquico, que fundamentou profundamente a Psicologia (Roudinesco, 2019).

Ao longo do século XX, a Psicologia passou por muitas transformações, surgindo abordagens como o Behaviorismo e a Psicologia Humanista. Muitas dessas teorias se afastaram da Psicanálise, principalmente por adotarem métodos mais objetivos. Ainda assim, a Psicanálise permaneceu como uma das principais referências clínicas (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

No Brasil, a Psicologia foi regulamentada em 1962, mas antes disso já havia práticas clínicas influenciadas pela Psicanálise. Conforme Roudinesco (2019), muitos profissionais encontravam na escuta uma forma de lidar com a complexidade subjetiva dos pacientes, o que favoreceu sua grande crescente no país.

Mesmo sem ser reconhecida como ciência no sentido clássico, a Psicanálise influenciou profundamente a formação de psicólogos. Apontam que grande parte da atuação clínica inicial no Brasil foi baseada em referenciais psicanalíticos, revelando sua força como saber prático e teórico (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

A Psicanálise ofereceu contribuições importantes para pensar o

funcionamento da mente. Freud propôs inicialmente o modelo topográfico da mente: consciente, pré-consciente e inconsciente. Essa teoria foi fundamental para compreender que nem tudo o que se pensa está acessível à consciência humana (Freud, 1985).

De acordo com Freud (1985), o inconsciente é o sistema onde ficam desejos reprimidos, experiências traumáticas e conteúdos inaceitáveis à consciência. A autora afirma que o inconsciente é atemporal e regido pelo princípio do prazer, manifestando-se por meio de sonhos, atos falhos e sintomas neuróticos.

Por outro lado, o *eu* é a parte da mente que tem acesso imediato à realidade externa, sendo regido pelo princípio da realidade e responsável por nossas percepções, pensamentos e julgamentos, representando uma pequena porção do funcionamento psíquico total (Freud, 1985).

Já o pré-consciente, segundo Freud (1985) funciona como uma espécie de filtro entre o inconsciente e o consciente, sendo que nele estão os conteúdos que não estão presentes na consciência no momento, mas que podem ser acessados com algum esforço, permitindo que certas ideias transitem entre os sistemas psíquicos.

O modelo topográfico possibilita entender os mecanismos que influenciam nossos comportamentos e emoções, mesmo sem termos plena consciência deles. Para Roudinesco (2019), essa teoria revolucionou a compreensão do sujeito ao introduzir a ideia de que somos afetados por conteúdos que não dominamos.

Mais tarde, Freud percebeu que essa divisão não era suficiente para explicar os conflitos internos do sujeito. Assim, propôs o modelo estrutural, composto por três instâncias: *Id*, *Ego* e *Superego* (Freud, 1985).

A psicologia compreende os indivíduos como um todo, considerando todos os aspectos de sua total integralidade e reconhecendo-os como sujeitos plenos (Trindade; Molinari, 2011). Pode-se afirmar que o indivíduo, a partir da perspectiva psicanalítica de Freud (1923), apresenta a estrutura psíquica dividida em *id*, *ego* e *superego*, destacando que o sujeito é constituído por múltiplas dimensões conscientes e inconscientes que precisam ser integradas ao processo terapêutico.

O *id* é interpretado como operando sob o princípio do prazer e sendo guiado por impulsos instintivos inconscientes. Agora, o *ego* atua como mediador entre os desejos do *id*, as exigências da realidade e as normas impostas pelo *superego*, buscando um equilíbrio entre essas funções. A autora sugere que o *ego* representa aquilo que poderíamos chamar de razão e bom senso, em contraste com o *id*, que

contém os desejos (Freud, 1923).

Por fim, Freud (1923), afirma que o superego se forma a partir da internalização das figuras parentais e sociais, funcionando como a necessidade moral da personalidade. Nesse sentido, o superego se opõe ao id como o representante das exigências morais exercendo julgamentos, críticas e punições internas. Segue Figura 1 com as interpretações de cada estrutura psíquica.

Figura 1: Estrutura Psíquica de Freud



Fonte: Schultz; Schultz (2015)

Dessa forma, compreender os sistemas e instâncias psíquicas propostas por Freud permite acessar uma visão mais complexa do sujeito em constante conflito entre desejo, norma e realidade (Freud, 1985). Contudo, autores posteriores propuseram outras formas de pensar a constituição do eu. Para Winnicott (1983), a construção do *Self* se dá na relação com o ambiente, especialmente nos primeiros cuidados maternos, sendo essencial para a formação de uma identidade saudável.

2.1.1 Funcionamento da Psique Humana

A psicanálise compreende a psique humana como um campo dinâmico, atravessado por desejos, conflitos, lembranças, afetos e experiências que nem

sempre estão disponíveis à consciência (Pinheiro; Herzog, 2017). Diferente de uma visão que entende o comportamento apenas como algo racional e totalmente controlado, a perspectiva psicanalítica considera que boa parte da vida psíquica é movida por conteúdos inconscientes (Coutinho, 2017; Pinheiro; Herzog, 2017). Assim, aquilo que o sujeito sente, evita, repete ou manifesta em sintomas pode estar ligado a conflitos que não foram plenamente elaborados, ou seja, nem sempre a pessoa sabe exatamente por que sofre, mas o sofrimento encontra alguma forma de aparecer (Cleto; Santos, 2025).

Caropreso (2016) afirma que a teoria freudiana explica o funcionamento da mente por meio da primeira tópica, também conhecida como modelo topográfico do aparelho psíquico, que é composta pelos sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente das pessoas (Freud, 1998; Caropreso, 2016). Essa divisão foi bem importante porque ajudou a entender que a vida psíquica não se resume apenas ao que a pessoa percebe ou consegue explicar com clareza, pois muitas vezes, sentimentos, lembranças e conflitos permanecem guardados em camadas mais profundas da mente e continuam influenciando a forma como nós sentimos, pensamos e agimos (Freud, 1985; Caropreso, 2016).

Nesse contexto, Freud (1998) destaca que o consciente envolve aquilo que a pessoa consegue perceber naquele momento, como pensamentos, lembranças e sensações que estão mais claras para ela. Com base nessa ideia de que nem tudo na mente está acessível de forma consciente, o funcionamento da psique humana pode ser compreendido como um processo que vai se formando aos poucos, a medida que vamos vivenciando conflitos, experiências e afetos, desenvolvemos recursos psíquicos para lidar com situações difíceis, angústias e conflitos internos (Anna Freud, 1966; Coutinho, 2017).

Pinheiro e Herzog (2017) apontam que a psicanálise não limita o sujeito apenas ao controle racional, pois consegue perceber que há conteúdos que acabam escapando da consciência e influenciando a maneira do sujeito existir. Por isso, quando uma experiência não é organizada internamente, ela simplesmente não desaparece, e isso pode acabar retornando como sintomas, repetições, silêncios ou dificuldades nos vínculos familiares e afetivos (Abrantes; Coelho, 2022; Coutinho, 2017).

Essa compreensão mais completa abriu espaço para que diferentes autores da psicanálise pensassem a entender a formação do sujeito a partir de outros olhos,

como os vínculos iniciais, o ambiente, o corpo e a suas experiências afetivas (Roudinesco, 2019).

Com o tempo, outros autores também passaram a olhar para esse assunto de um jeito mais ligado a vida real do sujeito, considerando suas relações, o ambiente em que cresceu e as experiências que viveu (Abrantes; Coelho, 2022; Coutinho, 2017). Dessa forma, a psique passou a ser compreendida não apenas como algo interno, mas também como algo que se forma na relação da pessoa com o mundo e com quem faz parte da sua história, preparando a discussão sobre o *self* e o amadurecimento emocional (Roudinesco, 2019).

A teoria de Donald Winnicott que fala sobre a compreensão do *self*, é de suma importância para entender o desenvolvimento emocional e a constituição da psique humana. De acordo com o autor, o *self* surge a partir da interação entre o bebê e o ambiente, especialmente através da relação com a mãe suficientemente boa, que proporciona um ambiente facilitador para o amadurecimento emocional (Winnicott, 1954).

A psique, nesse contexto, é concebida como uma elaboração imaginativa das funções corporais, estabelecendo uma conexão intrínseca entre corpo e mente. Winnicott (1954), afirma que a psique se forma a partir do material fornecido pela elaboração imaginativa das funções corporais, destacando a importância do corpo vivo e suas sensações na formação da vida psíquica.

Diante disso, o desenvolvimento do *self* verdadeiro ocorre quando o ambiente responde adequadamente aos gestos espontâneos do bebê, permitindo a expressão autêntica de sentimentos e desejos. Caso contrário, Winnicott (1954) menciona que se pode desenvolver um falso *self*, caracterizado por uma adaptação excessiva às expectativas externas, em detrimento da espontaneidade e autenticidade do indivíduo.

Já integração do *self*, está ligada diretamente ao amadurecimento emocional, envolvendo processos da personalização e da apreciação da realidade externa. A personalização refere-se à experiência de habitar o próprio corpo, enquanto a apreciação da realidade externa diz respeito à capacidade de diferenciar o mundo interno do externo, essencial para a constituição de um *self* coeso (Winnicott, 1954).

Do ponto de vista neurobiológico, a psique está ligada às funções cerebrais, sendo influenciada por diferentes áreas do cérebro. As regiões mais primitivas, como o tronco encefálico, estão associadas às funções básicas de sobrevivência, enquanto as áreas mais desenvolvidas, como o córtex pré-frontal, estão relacionadas à

consciência de si e a elaboração simbólica das experiências (Winnicott, 1954).

Winnicott (1954) também reforça que a interação entre as funções somáticas e psíquicas é fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo, pois, a psique, ao elaborar imaginativamente as sensações corporais, contribui para a formação de uma identidade pessoal e para a construção de uma narrativa de si mesmo, integrando passado, presente e futuro (Winnicott, 1954).

A partir da teoria do *Self*, Winnicott (1983) permite compreender como as primeiras experiências relacionais influenciam a formação da identidade. Quando o ambiente é suficientemente bom, o indivíduo desenvolve um *Self* verdadeiro, capaz de expressar sua espontaneidade e essa construção, no entanto, é continuamente desafiada ao longo da vida, especialmente na adolescência.

2.1.1.1 Adolescência na perspectiva winnicottiana

A adolescência é um período de desenvolvimento humano caracterizado por mudanças significativas que marcam a transição da infância para a vida adulta. De modo geral, inicia-se entre os 10 e 12 anos de idade e pode se estender até aproximadamente os 20 anos. Essas transformações não ocorrem apenas no corpo, mas também no campo cognitivo, emocional e social, exigindo readaptações internas e externas (Papalia; Feldman, 2013).

No plano físico, a adolescência é marcada pelo chamado “estirão do crescimento”, um aumento rápido na altura e no peso, impulsionado por mudanças hormonais. Meninas tendem a crescer entre os 10 e 14 anos, enquanto meninos passam por esse processo entre os 12 e 16 anos. Além disso, surgem os caracteres sexuais secundários, como o desenvolvimento dos seios e o início da menstruação nas meninas, e o engrossamento da voz e aumento da massa muscular nos meninos. (Papalia; Feldman, 2013; Santrock, 2014).

De acordo com Papalia e Feldman (2013) e Levisky (2024), esses hormônios também influenciam o humor, a energia e a emotividade, contribuindo para a instabilidade emocional frequentemente observada na adolescência. As reações intensas, a impulsividade e os comportamentos desafiadores são respostas ao corpo em transformação e às novas exigências sociais que surgem nesse período.

Cognitivamente, o adolescente ingressa no estágio das operações formais, conforme descrito por Piaget, o que permite o raciocínio abstrato, a formulação de hipóteses e a resolução de problemas complexos. Essa nova forma de pensar possibilita que o jovem reflita sobre si, questione valores e sistemas, e desenvolva um

senso mais elaborado de identidade (Papalia; Feldman, 2013).

Segundo Winnicott (1983), é justamente nesse momento que o adolescente precisa testar seus pensamentos e confrontar os limites impostos pelo ambiente. Levisky (2024) complementa que esse enfrentamento não deve ser reprimido, mas sustentado por um meio suficientemente bom, capaz de oferecer segurança emocional sem sufocar a criatividade e o verdadeiro *self* em formação. Oliveira (2006) destaca que essa capacidade de pensar sobre o próprio pensamento marca uma nova maneira de existir no mundo, ou seja, o adolescente passa a questionar verdades antes aceitas, incluindo valores familiares, religiosos e sociais.

No entanto, Winnicott (1983) adverte que não é apenas o intelecto que se transforma, mas o *self* como um todo. Para ele, o pensar genuíno só se dá quando há espaço interno e externo suficiente para que o sujeito experimente sua realidade de forma criativa, assim, o desenvolvimento cognitivo na adolescência deve ser compreendido como parte de um processo maior, que é a construção de um *self* verdadeiro, que se diferencia do falso *self* moldado para atender expectativas externas.

O *self* verdadeiro, segundo Winnicott (1983), emerge da possibilidade de viver experiências autênticas em um ambiente, suficientemente bom, ambiente esse que, na adolescência, deve acolher a ambivalência, os conflitos e a busca por autonomia. O pensamento crítico do adolescente, muitas vezes confundido com rebeldia, é na verdade uma manifestação do *self* em construção, que precisa explorar o mundo para encontrar sua posição nele.

Ainda conforme Winnicott (1983), quando o ambiente não oferece esse espaço de sustentação emocional, seja por repressão, excesso de controle ou negligência, o adolescente pode recorrer a um falso *self*, ou seja, uma estrutura de defesa moldada para sobreviver psiquicamente. Nesse caso, Carvalho (2017) contribui que embora o jovem pareça se desenvolver cognitivamente, há uma dissociação entre pensar e sentir, e o pensamento deixa de ser expressão criativa do *self*, tornando-se apenas uma adaptação.

Ser adolescente tornou-se, culturalmente, sinônimo de rebeldia e conduta inadequada e essa fase da vida é marcada por tensões relacionais, especialmente com figuras de autoridade, como pais e professores. Contudo, Winnicott (1983) compreende esse comportamento como expressão de um processo de amadurecimento emocional, necessário para a formação do *self*. O adolescente

precisa confrontar o ambiente para testar sua existência autêntica no mundo.

Dito isso, Winnicott (1983) destacava que a rebeldia não deve ser compreendida como patológica, mas como sinal de vitalidade psíquica. O jovem desafia regras e estruturas como forma de assegurar que sua subjetividade será reconhecida. Esse enfrentamento é parte do desenvolvimento, e a forma como o ambiente responde a ele será determinante para o fortalecimento ou sufocamento do verdadeiro *self*. Por isso, comportamentos tidos como “problemáticos” devem ser acolhidos com escuta e compreensão (Rezende, 2021; Winnicott, 1983).

Nessa perspectiva, Winnicott (1983) observava que, para o adolescente se constituir como sujeito, é necessário que encontre um ambiente suficientemente bom, capaz de sustentar suas crises sem retaliar. Portanto, os rompimentos com as normas podem ser lidos como tentativas legítimas de diferenciação e autonomia, e o ambiente que compreende essa dinâmica favorece a construção de uma identidade sólida e criativa, ao invés de um falso *self* adaptado (Winnicott, 1983).

É nesse espaço de aparente caos e desequilíbrio que se forma a base da saúde mental futura (Rosa; Valente, 2012). A desorganização emocional presente na adolescência não é sinal de fracasso, mas sim de uma reorganização necessária. Quando o jovem encontra espaço para viver sua angústia sem ser julgado, ele pode elaborar suas experiências e se apropriar de sua história com mais liberdade e segurança interna (Winnicott, 1983).

De acordo com Trindade e Molinari (2011), o comportamento desafiador do adolescente pode ser uma forma de solicitar cuidados sem saber expressar isso diretamente. Para Winnicott (2005), há uma busca implícita por limites e continência emocional nas atitudes de enfrentamento, assim, o aparente desrespeito pode conter um apelo à presença simbólica dos pais e cuidadores, que precisam suportar as projeções sem anular o sujeito que está emergindo.

Sendo assim, Winnicott (2005) reforça que para atravessar as dores do crescimento, o adolescente precisa ser sustentado por pilares que o ajudam. Isso implica em um ambiente que tolere frustrações e agressividades sem punir com rigidez ou abandono, e quando há falhas nesse suporte, há risco de rupturas graves na formação da identidade, levando a angústias crônicas, comportamentos compulsivos ou retraimento social (Winnicott, 2005).

2.1.2 As perdas simbólicas da adolescência

Castro (2025) contribui que na adolescência, o processo de perda simbólica é especialmente intenso e fundamental para o desenvolvimento da autonomia. Já Anna Freud (1998), reforça que esse período demanda do adolescente o rompimento com as figuras parentais para que ele possa se tornar um sujeito autossuficiente e integrado à sociedade.

Por outro lado, a perda simbólica não é apenas a separação física, mas um rompimento psíquico que permite ao jovem construir sua individualidade e autonomia emocional. Quando esse processo não acontece adequadamente, pode resultar em adultos que permanecem dependentes dos pais, como aqueles que mantêm uma relação de submissão excessiva à mãe ou ao pai, mesmo na vida adulta (Guimarães; Marinho; Pimentel, 2023; Freud, 1998).

Winnicott (1983) complementa essa visão ao destacar que o adolescente precisa passar por um processo de “morte” do antigo eu para permitir o nascimento do novo. Segundo o autor, essa transformação, embora necessária, envolve perdas emocionais profundas, pois o jovem precisa abrir mão de antigas referências para se reinventar.

Rezende (2021) contribui que essa experiência winnicottiana é acompanhada pela necessidade de adaptação a um novo grupo social, que estabelece regras específicas para o comportamento, o modo de vestir e a forma de se relacionar. Assim, a perda simbólica se manifesta não apenas no âmbito pessoal, mas também no social, onde o adolescente busca pertencimento e aceitação (Winnicott, 1983).

Além disso, Erik Erikson (1976) ressalta que a construção da identidade é um dos principais desafios da adolescência. Conforme o autor, para que o adolescente consiga se posicionar como um indivíduo autônomo, ele precisa enfrentar conflitos internos e sociais, o que envolve a perda de uma identidade infantil e a busca de uma nova identidade que seja coerente com o ambiente social em que está inserido. Kostulski e Arpini (2025) complementam que essa passagem é marcada por uma constante negociação entre o eu e o grupo, que pode levar à repressão de emoções e aspectos pessoais que não são validados pelo coletivo.

Já Silva e Vasconcelos (2020) discutem que a repressão emocional na adolescência ocorre muitas vezes como uma estratégia de sobrevivência social, uma vez que o jovem precisa se adaptar às normas do grupo para evitar exclusão e isolamento. Essa adaptação, segundo Souza e Torres (2025), implica em perdas simbólicas contínuas, pois, o adolescente abdica de partes de sua expressão

emocional para se adequar às expectativas sociais.

Lima (2021), contribui que a adolescência é um período marcado por perdas simbólicas em múltiplos níveis, que são essenciais para a formação de um sujeito capaz de se integrar ao mundo adulto de maneira autônoma e saudável.

O autor Juras (2009) e Silva, Oliveira e Tardeti (2024), reforçam que o jovem vive uma necessidade intensa de expressão para se afirmar não só perante os outros, mas também para si mesmo. Essa autoafirmação muitas vezes se manifesta por meio de comportamentos que podem chamar a atenção, sejam eles considerados positivos ou negativos, pois o adolescente está em busca da ampliação do “eu” e da construção da sua identidade, pois, essa fase é marcada por um conflito identitário em que o jovem tenta encontrar quem ele realmente é, enfrentando dúvidas e incertezas profundas sobre si mesmo e seu lugar no mundo (Erikson, 1976).

Pois bem, Winnicott (1983) também destacou que a infância exerce influência nesse processo, mas, mesmo assim, espera-se que o adolescente declare seu “eu” dentro do contexto social em que vive, o que gera uma tensão entre a necessidade de expressão pessoal e a pressão por adaptação às normas sociais. Conforme o autor, o adolescente ainda não possui a maturidade emocional necessária para compreender completamente as regras e os códigos de convivência social, o que torna esse período permeado por dúvidas e questionamentos constantes, sendo que essa fase é crucial para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de relacionamento social, apesar das dificuldades inerentes.

Além disso, a dificuldade do adolescente em aceitar as normas sociais não se dá por uma recusa cega à autoridade, mas sim por uma necessidade legítima de questionamento e experimentação que faz parte do processo de formação do “eu” (Rezende, 2021; Winnicott, 1983).

Esse questionamento é válido e segundo Freud (1988), pode ser visto como uma atuação intensa e necessária para a construção da vida adulta, mesmo que em alguns casos conduza a comportamentos de risco ou prejudiciais. Diante disso, a escola e os professores desempenham um papel essencial como educadores e mediadores dessas experiências, pois o adolescente muitas vezes passa mais tempo com eles do que com os pais.

Silva e Vasconcelos (2020) destacam que é fundamental que essas experiências sejam acolhidas e transformadas em oportunidades saudáveis de crescimento e expressão, estimulando o adolescente a questionar, mas também a

encontrar caminhos que fortaleçam sua identidade de maneira equilibrada, fazendo com que ele reconheça e valide essa fase de intensa busca e perda simbólica, sendo essencial para que o jovem construa uma vida adulta autônoma e emocionalmente saudável.

De acordo com Carvalho (2017), quando o adolescente passa pelo processo de perda simbólica, espera-se que ele possa se expressar e questionar seu lugar no mundo de forma aberta e saudável. No entanto, Winnicott (1983) já dizia que se o ambiente em que está inserido não favorece essa expressão, começam a surgir dificuldades psíquicas significativas. Os autores Silva, Oliveira e Tardeti (2024) destacam a importância de um ambiente suficientemente bom, que acolha e suporte as experiências emocionais do jovem, permitindo-o vivenciar as perdas e transformações necessárias para seu desenvolvimento e na ausência desse suporte, o adolescente pode sofrer um processo de repressão emocional.

Essa repressão ocorre quando o adolescente não encontra espaço para validar seus sentimentos e dúvidas, e os mecanismos de defesa, que inicialmente têm função protetiva e transitória, tornam-se modos permanentes de funcionamento da personalidade. Esses mecanismos deixam de ser estratégias pontuais e passam a dominar o comportamento do jovem, moldando sua forma de lidar com o mundo. Isso pode se manifestar por meio de agressividade, rebeldia e constante quebra de regras, como formas de expressar um sofrimento psíquico que não é verbalizado ou compreendido (Freud, 1998).

Anna Freud (1998) explica que o uso exacerbado e crônico dos mecanismos de defesa, indicam a presença de um sofrimento psíquico profundo, uma vez que o indivíduo está preso a padrões que dificultam o acesso à sua própria identidade e autonomia. Santrock (2014) reforça que, esse sofrimento do adolescente pode comprometer seu processo de construção do “eu”, tornando-o vulnerável a dificuldades emocionais e sociais que afetam sua vida presente e futura.

Freud (1923) explica que o conceito de luto, tradicionalmente associado à morte física, precisa ser ampliado para abarcar também o luto simbólico, entendido como a perda de algo que faz parte da identidade e da estrutura psíquica do indivíduo. Dito isso, na adolescência, essa compreensão é fundamental, pois o jovem vivencia não apenas perdas externas, mas também um processo interno de “morte” e transformação do eu, que envolve o rompimento com a infância e a necessidade de reconstrução da identidade (Levisky, 2024).

Esse luto simbólico se manifesta com intensidade durante a puberdade, quando o adolescente percebe mudanças físicas profundas no corpo, como o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, o surgimento de espinhas e a transformação da voz (Carvalho, 2017). Já Winnicott (1983) destaca que a experiência do corpo passa a ocupar um lugar central na constituição do *self*, exigindo uma maturação psíquica para que o adolescente possa lidar com as novas sensações e percepções corporais, assim como com os impulsos sexuais que emergem.

Conforme Freud (1998), a transição da infância para a adolescência implica o abandono da imagem de um “eu infantil”, que possuía características de inocência, proteção e dependência, para a construção de um “eu adulto” mais autônomo e complexo. A autora destaca que essa passagem é marcada por um luto, pois o adolescente “perde” a segurança e a simplicidade da infância, enfrentando a incerteza e o desafio da nova configuração do eu. Rezende (2021) também contribui que, além disso, o reconhecimento das mudanças físicas no espelho pode gerar conflito e ansiedade, uma vez que a imagem corporal se altera drasticamente e a identidade ainda está em construção.

Por fim, Anna Freud (1936), ressalta que os mecanismos de defesa tornam-se mais evidentes e intensos nesse período, pois o adolescente precisa lidar com a angústia dessas transformações internas e externas. O corpo muda, os desejos emergem, e a necessidade de pertencimento ao grupo passa a se sobrepor à referência familiar. Esse conjunto de perdas e reformulações configura um luto profundo e silencioso, que, se não for elaborado em um ambiente que acolha o questionamento e a expressão, pode levar ao sofrimento psíquico (Brandão, 2021).

2.1.3 Sentimento do luto

Guimarães, Marinho e Pimentel (2023) destacam que o luto é um processo marcado por uma multiplicidade de sentimentos que atravessam o sujeito de forma intensa e particular. Sentimentos como culpa, tristeza, negação, raiva e vazio compõem esse cenário interno complexo, que exige elaboração.

Segundo Moraes, Nunes e Macedo (2023), o luto na adolescência, sobretudo quando simbólico, se manifesta com expressões subjetivas e, muitas vezes, silenciosas, sendo erroneamente interpretado como simples rebeldia, e essa incompreensão agrava o sofrimento psíquico, pois o adolescente não encontra espaço de escuta e acolhimento.

Anna Freud (1936) compreende que, diante de perdas, o ego recorre aos mecanismos de defesa para proteger-se da dor e quando o luto não é reconhecido ou validado, o sujeito tende a fixar-se nesses mecanismos, dificultando o processo de elaboração. Já Winnicott (2005), o autor ressalta a importância de um ambiente suficientemente bom para que o adolescente possa simbolizar suas perdas e experimentar a dor de forma não destrutiva, encontrando apoio na presença afetiva do outro.

O luto, portanto, não é algo que se supera completamente, é um sentimento que se acomoda dentro de nós com o tempo. Freud (1917), ao abordar o “Luto e Melancolia”, enfatiza que a elaboração do luto requer trabalho psíquico, pois envolve o desligamento daquilo que foi perdido, sem que isso signifique esquecimento. O sujeito aprende a conviver com a ausência e, pouco a pouco, integra essa falta em sua história.

Freud (1917) traz que o luto é a relação à perda de uma pessoa amada, seja ela simbólica ou não. A partir disso, compreende-se que o luto não se limita à morte física, mas pode emergir diante de perdas simbólicas, como no caso do rompimento do vínculo parental em situações de divórcio.

Quando o adolescente vivencia essa ruptura, ele se depara com a ausência concreta ou afetiva de uma das figuras parentais (Rosa; Valente, 2012). Diante disso, pode desenvolver a fantasia de autossuficiência como forma de defesa psíquica, preenchendo o espaço da perda com um excesso de si mesmo, numa tentativa inconsciente de negar a falta (Freud, 1917).

Contudo, Freud (1917) explica que o mundo pode se tornar pobre, e muitas vezes vazio nesse processo do luto, o próprio ego se torna vazio, ou seja, o sofrimento da perda está presente, mesmo que negado ou deslocado para outras formas de expressão. Lidar com o luto, nesse contexto, não significa substituir o objeto perdido, mas aprender a conviver com a falta que ele deixou, reconhecendo a dor sem tentar anulá-lo.

Com essa dor e a falta de elaboração adequada do luto, o adolescente começa a recorrer, muitas vezes inconscientemente, aos mecanismos de defesa do ego (Lima, 2021). Anna Freud (1998) aponta que esses mecanismos surgem como tentativas do ego de se proteger contra sofrimentos intensos. No entanto, quando utilizados de forma recorrente e rígida, passam a configurar não apenas reações momentâneas, mas traços estruturantes da personalidade.

2.2 Mecanismos de Defesa do Ego e suas Dinâmicas de Funcionamento

A partir da concepção de ego apresentada por Anna Freud (1966), foi desenvolvida a noção de mecanismos de defesa como recursos inconscientes gerados pelo ego para lidar ou defender-se de conflitos e angústias intensas.

De acordo com Anna Freud (1966), os mecanismos de defesa são operações do ego voltadas à redução da ansiedade psíquica, possibilitando que o sujeito mantenha uma certa estabilidade emocional mesmo diante de impulsos ou exigências incompatíveis com a realidade ou com a moral internalizada. Esses mecanismos não atuam de maneira consciente e, muitas vezes, distorcem ou transformam a percepção da realidade com o objetivo de proteger o eu.

Mecanismos como a repressão, negação, projeção, formação reativa, deslocamento, racionalização, sublimação, regressão e intelectualização são formas pelas quais o ego atua para mediar os impulsos do *id* e as exigências morais do superego, preservando a integridade psíquica do sujeito diante de vivências ameaçadoras (Anna Freud, 1966).

Em contextos como o luto juvenil, Anna Freud (1966) também explica que tais defesas são particularmente evidentes, pois o adolescente ainda está em processo de constituição identitária e emocional, o que o torna mais suscetível a utilizar essas estratégias de maneira intensa ou prolongada.

A repressão é o mecanismo de defesa mais fundamental, conforme Anna Freud (1966), sendo descrita como a exclusão de conteúdos inaceitáveis da consciência. Ela ocorre quando o ego rejeita impulsos ou pensamentos que gerariam ansiedade, empurrando-os para o inconsciente e esse mecanismo é central para a psicanálise, pois permite que o sujeito mantenha a estabilidade emocional frente aos conflitos internos.

Já a negação consiste em uma forma de defesa onde o sujeito se recusa a aceitar a realidade de um evento doloroso ou ameaçador. Anna Freud (1966) afirma que a negação é uma forma de recusa que impede o sujeito de reconhecer a realidade como ela é, uma distorção da percepção. Esse mecanismo é frequentemente observado em contextos de luto, onde o indivíduo se recusa a aceitar a morte de um ente querido.

A projeção ocorre quando o sujeito atribui aos outros sentimentos ou desejos que, na realidade, pertencem a ele próprio. Anna Freud (1966) descreve a projeção

como um processo em que o ego coloca no outro características ou impulsos inaceitáveis de si mesmo. Esse mecanismo pode ser observado em comportamentos como a acusação de um colega de ser invejoso, quando, na verdade, é o próprio sujeito que sente inveja.

Em relação a formação reativa proposta por Freud, é um mecanismo de defesa onde o indivíduo desenvolve comportamentos ou atitudes opostas aos seus verdadeiros impulsos, para esconder sentimentos que são inaceitáveis para ele (Freud, 1966). A autora explica que este mecanismo visa esconder os impulsos reprimidos por meio de uma ação exagerada e contrária. Esse comportamento pode ser observado em indivíduos que, por exemplo, demonstram afeto excessivo por alguém que secretamente rejeitam.

Anna Freud (1966) observa que o deslocamento é a transferência de um impulso de um objeto original para um objeto menos ameaçador, e destacando através desse mecanismo, o sujeito redireciona a energia psíquica associada a um objeto para outro mais seguro. Esse mecanismo é frequentemente encontrado em quadros de raiva ou frustração, onde a pessoa dirige seus sentimentos a um alvo mais acessível.

Já a racionalização é um mecanismo de defesa que envolve a criação de justificativas plausíveis e lógicas para ações ou pensamentos que, na realidade, são motivados por impulsos inaceitáveis. Anna Freud (1966) descreve a racionalização como uma tentativa de justificar o injustificável, tornando os impulsos mais aceitáveis para o ego. Um exemplo é alguém que, após falhar em um exame, justifica o fracasso dizendo que o teste estava mal formulado.

A sublimação por outro lado, é um mecanismo de defesa onde impulsos inaceitáveis, especialmente os impulsos sexuais ou agressivos, são transformados em atividades socialmente aceitas e valorizadas, como a arte ou a ciência. Anna Freud (1966) considera a sublimação uma das defesas mais “maturas” do ego, sendo frequentemente observado em artistas ou cientistas, que canalizam seus desejos para produções criativas e construtivas.

Anna Freud (1966) diz que a regressão é um mecanismo de defesa que leva o sujeito a regredir para um estágio anterior de desenvolvimento, onde se sentia mais seguro ou menos ameaçado. Ela explica que a regressão ocorre quando o sujeito, diante de uma crise, adota comportamentos típicos de uma fase anterior da infância e este mecanismo é comumente observado em situações de estresse extremo, como o trauma.

Por fim, a intelectualização, que segundo Anna Freud (1966) envolve o afastamento emocional dos eventos e a análise deles de uma forma puramente racional, sem o envolvimento afetivo. Dessa forma, ela descreve a intelectualização como um mecanismo de defesa que permite ao sujeito evitar o sofrimento psíquico ao lidar com eventos dolorosos de maneira fria e lógica. Esse mecanismo é frequentemente observado em indivíduos que lidam com crises existenciais ou pessoais com uma postura excessivamente analítica (Anna Freud, 1966).

2.2.1 A Utilização dos Mecanismos de Defesa no Contexto da Adolescência

Os mecanismos de defesa, conforme descritos por Anna Freud (1966), desempenham um papel crucial na gestão emocional do adolescente diante do luto, ajudando a lidar com os conflitos internos gerados pela perda. Silva (2016), destaca que o luto é um processo emocional doloroso e desestabilizador, que exige uma adaptação psíquica que pode ser mediada por essas defesas.

Quando o adolescente perde alguém significativo, como um dos pais, Anna Freud (1966) explica que sua psique, ainda em desenvolvimento, pode recorrer a esses mecanismos para lidar com o sofrimento e a angústia da perda.

A repressão, por exemplo, atua como uma defesa inicial, onde os sentimentos de tristeza e dor podem ser empurrados para o inconsciente, evitando que o adolescente tenha que lidar com essa dor de forma plena e imediata. Anna Freud (1966) observa que, no contexto do luto, isso pode se manifestar como uma negação do impacto da perda, onde o jovem não consegue expressar ou reconhecer a dor profunda que sente, impedindo o processo de elaboração do luto.

Além disso, a projeção é um mecanismo frequentemente observado no luto de adolescentes e nesse processo, sentimentos e pensamentos internos, muitas vezes associados à raiva ou culpa, são externalizados e atribuídos a outras pessoas. Anna Freud (1966) explica que no caso do luto, isso pode se manifestar como a atribuição da raiva ou da culpa pela morte do ente querido aos familiares ou até mesmo aos próprios amigos, criando uma barreira para o entendimento genuíno do processo de perda.

Outro mecanismo que pode ser predominante no luto adolescente é a formação reativa (Parreira, 2013). Anna Freud (1966) descreve esse mecanismo como a adoção de comportamentos ou atitudes opostas àquelas que o sujeito realmente sente, como uma forma de proteger o ego, pois, em situações de luto, o adolescente

pode exibir um comportamento exageradamente positivo ou indiferente, mascarando uma dor profunda com uma fachada de força ou indiferença, para evitar o confronto com a vulnerabilidade emocional.

Anna Freud (1966), por sua vez, explica que a sublimação é um mecanismo, que permite ao adolescente redirecionar seus impulsos agressivos ou de sofrimento para atividades socialmente aceitáveis. Durante o luto, o jovem pode encontrar consolo na arte, no esporte ou em outras atividades que proporcionem um meio de externalizar sua dor de forma construtiva, sem deixar que os sentimentos de perda o dominem completamente (Anna Freud, 1966).

Esses mecanismos de defesa ajudam a criar uma espécie de *buffer* psíquico, permitindo ao adolescente navegar pela experiência do luto sem ser completamente absorvido pela dor. No entanto, como Anna Freud (1966) destaca, esses mecanismos podem também ser prejudiciais se usados de forma excessiva ou prolongada, pois impedem a verdadeira elaboração do luto.

Portanto, é essencial que o adolescente, com o apoio adequado, consiga gradualmente processar a perda, usando os mecanismos de defesa de forma adaptativa e permitindo-se vivenciar e integrar o luto de maneira saudável (Freud, 1966).

Ao contrário do que se poderia pensar, o uso de mecanismos de defesa não precisa ser interpretado exclusivamente como sinal de recusa ou fragilidade. Na verdade, muitos dessas funções utilizadas, como a sublimação, o humor ou a formação reativa, podem favorecer a transformação da dor em formas mais criativas de enfrentamento (Freud, 1966).

Anna Freud (1998) observa que o ego saudável é capaz de empregar essas defesas de maneira flexível, sem perder o contato com a realidade, garantindo, assim, que o sujeito atravesse o sofrimento sem sucumbir a ele. Tal movimento é essencial especialmente na adolescência, fase marcada pela busca de identidade e por rupturas emocionais intensas.

No contexto do luto juvenil, em que a perda simbólica da estrutura familiar pode ser vivenciada de forma traumática, os mecanismos de defesa podem contribuir para o processo de elaboração psíquica da ausência. Quando bem manejados, esses recursos não apenas aliviam o impacto inicial da dor, mas também abrem espaço para a reconstrução de vínculos afetivos e para o desenvolvimento da autonomia (Freud, 1966).

A tentativa do adolescente de se afastar de um dos genitores, por exemplo, pode ser compreendida como um gesto defensivo de proteção emocional. Se esse afastamento for elaborado com suporte emocional adequado, poderá se converter em maturidade, e não em ruptura definitiva (Freud, 1966).

Portanto, reconhecer os benefícios dos mecanismos de defesa implica perceber que eles fazem parte de um processo de adaptação subjetiva. Mais do que patologizar o uso dessas estratégias, é preciso compreender a função que elas cumprem em momentos de crise, como o luto (Freud, 1966).

Quando o ego encontra meios saudáveis de lidar com a dor, ele não apenas protege o sujeito do sofrimento imediato, mas também constrói recursos internos para enfrentar futuras perdas e frustrações. Os mecanismos de defesa, longe de serem um problema, podem ser aliados importantes no processo de amadurecimento emocional do jovem (Freud, 1966).

2.3 A não Elaboração do Divórcio Parental e seus Impactos na Vida Psíquica do Adolescente

Segundo Peruzzo *et al.* (2007), o divórcio parental, embora juridicamente se refira ao rompimento conjugal, costuma ultrapassar o campo formal e atingir de modo profundo a vida emocional dos filhos, sobretudo quando ocorre em uma fase marcada por intensas reorganizações internas, como a adolescência.

Hack e Ramires (2010), complementam que a separação dos pais não pode ser lida apenas como mudança de arranjo familiar, pois ela frequentemente desorganiza referências afetivas, altera rotinas, desloca lugares simbólicos e exige do adolescente uma nova leitura de si, da família e do futuro.

Quando esse acontecimento não encontra espaço de elaboração, o sofrimento tende a se deslocar para outras vias de expressão. Em vez de o adolescente reconhecer claramente a dor, a raiva, a culpa, o medo de abandono ou a ambivalência em relação aos genitores, esses afetos podem aparecer sob a forma de isolamento, irritabilidade, endurecimento emocional, indiferença aparente ou condutas de oposição (Benetti, 2006).

Conforme Pratta e Santos (2007), a adolescência e divórcio parental indicam que as reações dos filhos variam conforme a intensidade do conflito, a qualidade das relações parentais e a presença ou ausência de apoio emocional no período da transição familiar.

Do ponto de vista psicanalítico, os autores Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013), relatam que a não elaboração do divórcio parental pode ser compreendida como dificuldade em realizar um trabalho de luto diante de uma perda que, embora simbólica, possui efeitos concretos sobre o psiquismo.

Freud (1917), ao tratar do luto, já indicava que a perda de um objeto investido afetivamente exige um trabalho psíquico de desligamento e reinscrição subjetiva, ou seja, quando esse processo encontra entraves, o sujeito pode permanecer preso a restos afetivos, identificações rígidas ou formas defensivas de evitar a dor. No caso do adolescente, Medeiros e Calazans (2018) reforçam que isso ganha contornos particulares, porque o luto se soma às perdas próprias dessa fase, seja perda do corpo infantil, de certas idealizações, da posição antiga na família e de referências narcísicas antes mais estáveis.

Siniscalchi e Carneiro (2019), abordam que essa dificuldade de elaborar a ruptura tende a favorecer a intensificação dos mecanismos de defesa do ego. Negação, repressão, projeção, deslocamento, identificação excessiva com um dos pais e formação reativa podem funcionar, inicialmente, como tentativas de amortecer o impacto emocional da separação (Hack; Ramires, 2010).

Rosa e Valente (2012), contribuem que o problema aparece quando tais mecanismos deixam de operar como recursos transitórios e passam a estruturar, de modo rígido, a forma como o adolescente sente, pensa e se vincula. Nessa condição, o sofrimento não desaparece, ele apenas muda de lugar, infiltrando-se em relações escolares, amizades, imagem de si, vivências amorosas e expectativas em relação à própria família futura (Medeiros; Calazans, 2018).

Há ainda um aspecto que merece atenção: a não elaboração do divórcio parental pode comprometer a construção da identidade adolescente justamente por atingir o espaço relacional onde, idealmente, o jovem deveria encontrar continência, previsibilidade e reconhecimento (Silva, 2016).

Em famílias marcadas por hostilidade persistente, triangulações, lealdades divididas ou exigência de posicionamento afetivo, o adolescente corre o risco de ser capturado por conflitos que não lhe pertencem diretamente, mas que passam a organizar sua economia psíquica (Parreira, 2013). Portanto, nessas situações, Viegas e Ramires (2012) destacam que o adolescente pode assumir funções que não correspondem à sua etapa do desenvolvimento, como proteger emocionalmente um dos pais, vigiar a estabilidade familiar remanescente ou tentar compensar

afetivamente a ausência e a dor do outro.

Abaixo, um quadro sintético que organiza os principais mecanismos de defesa do ego identificados na literatura:

Quadro 1 – Mecanismos de defesa do ego no luto juvenil diante da não elaboração do divórcio parental

Mecanismo de Defesa	Manifestação Psíquica na Adolescência	Exemplos no Contexto do Divórcio Parental	Possíveis Impactos na Vida Psíquica	Compreensão Psicológica
Negação	Recusa em reconhecer a ruptura e seus efeitos emocionais (Anna Freud, 1966)	O adolescente age como se nada tivesse mudado e insiste que os pais voltarão	Dificuldade de elaboração do luto, congelamento afetivo e manutenção de fantasias de recomposição familiar	Pode funcionar como defesa inicial contra dor intensa, mas, se persistente, impede a simbolização da perda
Repressão	Afastamento de sentimentos dolorosos da consciência (Freud, 1998; Anna Freud, 1966)	Evita falar da separação, “não lembra” do período ou diz não sentir nada	Empobrecimento da expressão emocional, somatizações, tristeza não nomeada e sofrimento silencioso	Indica dificuldade de contato com afetos ligados à perda e necessidade de espaço seguro de escuta
Projeção	Atribuição ao outro de afetos que o sujeito não suporta reconhecer em si (Anna Freud, 1966)	Culpa terceiros, madrasta, padrasto ou um dos pais por todo o sofrimento vivido	Relações marcadas por desconfiança, hostilidade e leitura persecutória dos vínculos	Ajuda a deslocar conflitos internos, mas pode rigidificar relações e alimentar ressentimentos
Deslocamento	Transferência da raiva e da frustração para alvos menos ameaçadores (Anna Freud, 1966)	Torna-se agressivo com irmãos, colegas ou professores em vez de expressar a dor da separação	Conflitos interpessoais, irritabilidade constante, dificuldades escolares e sociais	Pode mascarar sofrimento profundo e precisa ser lido para além do comportamento aparente
Formação reativa	Exibição de atitude oposta ao sentimento real (Anna Freud, 1966)	Demonstra excessiva maturidade, tranquilidade ou até alegria para esconder tristeza e medo	Falso autocontrole, endurecimento emocional e dificuldade de reconhecer vulnerabilidade	Revela tentativa de manter o equilíbrio psíquico negando afetos considerados ameaçadores

Regressão	Retorno a modos de funcionamento mais infantis diante da angústia (Anna Freud, 1966)	Dependência excessiva, choro frequente, necessidade intensa de proteção	Fragilidade emocional, insegurança e dificuldade de enfrentamento da realidade	Sinaliza que o adolescente pode estar buscando proteção psíquica em formas anteriores de vínculo
Intellectualização	Tratamento excessivamente racional de um evento doloroso (Anna Freud, 1966)	Fala do divórcio de modo frio, técnico ou distante, sem contato com os afetos	Distanciamento emocional, dificuldade de simbolização afetiva e aparente indiferença	Pode passar falsa impressão de elaboração quando, na verdade, encobre o sofrimento
Sublimação	Redirecionamento da dor para formas socialmente aceitas de expressão (Anna Freud, 1966)	Busca intensa por escrita, arte, esporte, estudos ou música após a separação	Pode favorecer elaboração parcial, fortalecimento do ego e reorganização emocional	Entre as defesas, é uma das mais adaptativas, especialmente quando acompanhada de reconhecimento afetivo
Falso self	Adaptação excessiva às exigências externas e apagamento da espontaneidade (Winnicott, 1954; 1983)	Torna-se “forte”, “maduro” ou “sem problemas” para não preocupar os pais	Perda de autenticidade, esvaziamento subjetivo e sofrimento não legitimado	Muito relevante quando o ambiente familiar não sustenta a expressão genuína do adolescente

Fonte: Própria (2026)

O quadro apresenta não apenas os mecanismos de defesa mais discutidos pelos autores clássicos da psicanálise, como também descreve exemplos de expressão emocional e comportamental desses recursos na adolescência, além de apontar suas possíveis funções psíquicas no enfrentamento da dor provocada pela separação dos pais

Fica evidente portanto que, o sofrimento do adolescente nem sempre aparece de maneira direta e em muitos casos, a dor ligada à separação dos pais surge deslocada, encoberta ou traduzida por comportamentos que costumam ser mal interpretados pela família, pela escola e até por profissionais pouco atentos à

dimensão subjetiva do fenômeno. Assim, a leitura acima funciona como um recurso de síntese teórica, reunindo os mecanismos de defesa mais citados no trabalho, seus autores de referência, formas de manifestação, impactos possíveis e pistas de compreensão psicológica (Winnicott, 1983).

Nesse contexto, Rocha e Negreiros (2024) reforçam que a atuação da Psicologia torna-se fundamental, tanto no campo clínico quanto nos espaços escolares e institucionais. Mais do que interpretar comportamentos, cabe ao psicólogo oferecer condições de escuta para que a ruptura parental possa ganhar representação, linguagem e sentido para o adolescente (Schabbel, 2005).

Diante disso, quando o adolescente encontra um espaço em que sua dor pode ser nomeada e pensada, há maior possibilidade de deslocamento das defesas rígidas para formas mais elaboradas de enfrentamento (Guimarães; Marinho; Pimentel, 2023). A Psicologia, portanto, não atua apenas depois do sofrimento instalado, ela também pode funcionar como mediação simbólica, ajudando o jovem a não ficar aprisionado à perda, mas a reinscrever essa experiência em sua história de modo menos destrutivo (Medeiros; Calazans, 2018; Rocha; Negreiros, 2024).

2.4 A atuação da Psicologia no Manejo Clínico do Luto Juvenil diante da não elaboração do divórcio parental

Na clínica, é importante reconhecer que a separação conjugal dos pais pode ser vivida pelo jovem como algo de grande intensidade, como uma perda simbólica capaz de distorcer a realidade emocional do adolescente, prejudicando vínculos, referências e principalmente fantasias de estabilidade futura (Hentz; Kupermann, 2021).

E a atuação da psicologia diante do luto juvenil relacionado ao divórcio parental mal elaborado, exige que o jovem não seja visto como um rebelde, ou que seja apenas decidido por pessoas que o adolescente está sempre se opondo a autoridades ou vivenciando uma fase difícil. Ou seja, o profissional psicólogo não deve tomar iniciativas de julgamento ou partir para decisões precipitadas como as pessoas no círculo em volta do adolescente (Andrade; Lang, 2020).

Hentz e Kupermann (2021) complementam que quando a experiência entre adolescente e psicólogo não dá certo e não encontram vias de elaboração, o sofrimento do jovem começa a aparecer em outras formas, como silêncios, defesas e atuações rígidas. O que pede do psicólogo uma escuta menos apressada e mais

comprometida com o sentido subjetivo do sintoma da pessoa (Andrade; Lang, 2020).

Dessa forma, entender que o sofrimento do indivíduo está ligado profundamente ao lugar ocupado pelas figuras parentais, auxiliará o profissional a interpretar o cenário atual e ajudará o paciente a simbolizar se o jovem consegue ou não personificar a falta deles (Sei; Zuanazzi, 2016). Ainda conforme esses autores, eles destacam que no manejo clínico da abordagem psicanalítica, os jovens não estão preparados para se organizarem em volta de conselhos prontos, orientações de moralidade, ou até mesmo correções sobre o comportamento dos mesmos.

Por isso Júnior, Maschke e Amparo (2025) contribuem reforçando que o foco do manejo clínico, recai sobre a construção de um espaço em que a pessoa possa estar bem o suficiente para falar, repetir, continuar falando aos poucos, negar, se calar, e assim, transformando cada palavra em um ato. E nesse contexto, esse trabalho delicado pode ocorrer em psicoterapias individuais como em encontros que incluam a família, especialmente quando o sofrimento do jovem está enraizado na dinâmica relacional do grupo familiar (Sei; Zuanazzi, 2016).

Sendo assim, é importante contextualizar que o psicólogo não propõe tratar apenas um comportamento e problema, ele escuta um adolescente em processo de constituição, atravessado por perdas, identificações e conflitos ainda não metabolizados (Júnior; Maschke; Amparo, 2025). Diante disso, Andrade e Lang (2020) destacam um aspecto bem interessante sobre o manejo clínico, que é a transferência do adolescente para outros profissionais. Esse tipo de situação pode ser visto em primeiro momento como apenas algo desajeitado e confuso, mas a psicanálise considera que o vínculo transferencial é uma ferramenta essencial do tratamento, pois é nele que o jovem poderá reeditar modos de relação, endereçar sua dor e experimentar novas formas de simbolização (Andrade; Lang, 2020).

No estudo de Andrade e Lang (2020) que apresentaram situações de transferência clínica a partir de Freud e Lacan, apontam que é fundamental essas mudanças, pois, auxilia a sustentar o longo trabalho de elaboração em diversos outros pontos, favorecendo a construção de novas referências simbólicas para que o jovem possa sustentar-se para além da dependência familiar. E dentro do contexto do divórcio parental, isso é particularmente importante, já que o adolescente muitas vezes chega capturado entre lealdades divididas, mágoas não nomeadas e identificações excessivas com um dos genitores (França, 2019).

A clínica psicanalítica com adolescentes é diferente da clínica com adultos,

porque, apesar de todo indivíduo ser único independente da idade, nos casos dos jovens, muitas vezes eles não procuram ajuda por iniciativa própria, e são levados pelos pais, pela escola ou por encaminhamento institucional. Portanto, ao pé da letra, o analista precisa ter elasticidade técnica, firmeza ética e capacidade de acolhimento (França, 2019).

No caso específico de adolescentes que não elaboraram o divórcio dos pais, o manejo clínico também passa pela leitura cuidadosa da posição que esse jovem ocupa no enredo familiar. Muitas vezes, ele aparece como aquele que adoeceu depois da separação, mas o sintoma não pode ser compreendido de forma isolada, como se fosse apenas dele. Há situações em que o adolescente é convocado, mesmo sem perceber, a ocupar lugares psíquicos que não lhe cabem, como por exemplo, ser um confidente de um dos pais, guardião da estabilidade doméstica, testemunha de hostilidades ou representante de alianças afetivas partidas (Brito; Neto, 2018; Sei; Zuanazzi, 2016).

Nesse cenário, Brito e Neto (2018) destacam que as consultas com os pais ou responsáveis têm relevância clínica e não devem ser confundidas com fiscalização ou julgamento moral da família. No artigo desses autores, que é uma pesquisa apoiada em Winnicott, observa que os pais funcionam como parte integrante do processo terapêutico e que, ao se conterem as angústias parentais, eles podem tornar-se mais continentais para os filhos.

Por fim, o objetivo do trabalho clínico não é fazer o adolescente aceitar logo a separação dos pais, nem forçá-lo a apresentar um discurso organizado antes de ter condições internas para isso (Hentz; Kupermann, 2021). O que se busca é favorecer um processo de simbolização, para que a perda deixe de circular apenas como atuação, sintoma ou defesa cristalizada e possa, gradualmente, ser inscrita na história do sujeito (Andrade; Lang, 2020; Júnior; Maschke; Amparo, 2025).

2.5 Sofrimento adolescente: uma aproximação com a série Gatunas (*Trinkets* Netflix)

Como recurso complementar de leitura, a série Gatunas (Figura 02) pode ser utilizada para ilustrar de forma acessível, algumas manifestações psíquicas discutidas ao longo deste trabalho. A sinopse oficial da Netflix (2019) já apresenta a obra a partir de um ponto bastante próximo ao universo investigado aqui, ao descrever a trajetória de uma adolescente em luto que constrói laços com outras duas jovens após

encontros em um grupo de apoio.

Figura 2: Pôster oficial da série



Fonte: JustWatch (2026)

Embora a série *Trinkets* não aborde diretamente o divórcio parental como eixo central, ela apresenta conflitos compatíveis com o que autores como Aberastury e Mauricio Knobel (1981) descrevem como características do sofrimento adolescente, incluindo instabilidade emocional, impulsividade, sentimentos de perda, vergonha, necessidade de pertencimento e uso de estratégias defensivas diante da dor psíquica.

Algumas condutas das personagens podem ser relacionadas a este trabalho a partir de comportamentos como: impulsivos, dificuldades de simbolização, aparentes atitudes de frieza e reações intensas diante dos vínculos, sinalizando não só desvios de condutas, mas formas defensivas de responder e solucionar os conflitos internos

(Aberastury; Knobel, 1981; Winnicott, 2005).

A série Gatunas traz uma correlação bastante interessante a psicologia, pois, demonstra que o sofrimento juvenil nem sempre aparece em discurso organizado, muitas vezes ele surge quebrado, deslocado, encenado no corpo, na relação com o outro ou em escolhas repetitivas que, vistas de fora, parecem só bagunça, mas por dentro carregam muito mais coisa, algo já discutido em obras como a de Khel (2009) e Lacan: “O seminário, livro 10: a angústia” (2005) e o “livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1985).

Quando a série é analisada com esse cuidado, ela contribui para tornar mais visível aquilo que este trabalho vem sustentando com base em Lacan (2005): que o sofrimento psíquico do adolescente precisa ser escutado para além do comportamento manifesto, já que, em muitos casos, a defesa fala antes da palavra.

Abaixo, um quadro sintético que correlaciona a série Gatunas com os mecanismos de defesa na adolescência discutidos na Revisão de Literatura:

Quadro 2 – Aspectos observados na série Gatunas e os achados na Revisão de Literatura desta pesquisa

Personagem	Elemento Observado	Leitura Psicanalítica	Correlação com o Trabalho
Elodie	Adolescente em luto, com sofrimento emocional mais visível e tendência a agir a partir da dor	Pode ser lida a partir de defesas como negação, deslocamento e impulsividades diante de perdas não suficientemente elaboradas	Aproxima-se da ideia de luto juvenil e da dificuldade de simbolizar a ruptura interna
Tabitha	Vive conflitos afetivos, tensões relacionais e aparenta sustentar contradições emocionais importantes	Pode remeter a formação reativa, repressão e tentativas de manter controle diante da instabilidade	Ajuda a pensar como o sofrimento adolescente pode aparecer sob autocontrole aparente e ambivalência
Moe	Aparece vinculada a vivências de carência, busca de vínculo e reações intensas em relações interpessoais	Pode ser associada a defesas ligadas ao deslocamento, identificação e modos de proteção do <i>self</i> diante da vulnerabilidade	Contribui para discutir como relações frágeis e perdas podem intensificar estratégias defensivas
As três personagens	Formam um vínculo a partir de experiências de sofrimento e transgressão compartilhadas	O grupo pode funcionar como espaço de pertencimento, continência e elaboração parcial do mal-estar	Dialoga com a necessidade adolescente de reconhecimento e suporte diante da dor psíquica

Fonte: Netflix (2019); Própria (2026)

Assim, a utilização de Gatunas como apoio complementar pode enriquecer a discussão ao oferecer uma imagem concreta de como perdas, falhas de sustentação emocional e mecanismos de defesa podem aparecer no cotidiano adolescente. O mais interessante dessa aproximação é justamente mostrar que a clínica e a teoria não falam de um adolescente abstrato: elas falam de sujeitos que tentam sobreviver psiquicamente em meio a conflitos reais, vínculos instáveis e dores nem sempre nomeadas. A série contribui para tornar mais visível aquilo que este trabalho vem sustentando, que o sofrimento psíquico do adolescente precisa ser escutado para além do comportamento manifesto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender que o luto juvenil diante da não elaboração do divórcio parental é uma experiência psíquica profunda, marcada por perdas simbólicas, sofrimento emocional e mobilização de mecanismos de defesa do ego. A separação dos pais, quando não é elaborada, pode repercutir diretamente na vida subjetiva do adolescente, aparecendo por meio de comportamentos, silêncios, afastamentos e reações emocionais intensas.

A pesquisa mostrou que mecanismos como negação, repressão, projeção, deslocamento, formação reativa, regressão, intelectualização, sublimação e falso *self* podem surgir como formas de proteção diante da dor. No entanto, quando essas defesas se tornam rígidas, passam a dificultar a elaboração do luto e a afetar o desenvolvimento emocional do jovem.

Dessa forma, ficou evidente que os mecanismos de defesa se desenvolvem como respostas inconscientes ao sofrimento gerado pela ruptura familiar não elaborada. Também é possível afirmar que o processo de luto foi compreendido, como também identificado os principais mecanismos de defesa envolvidos e apontado a contribuição da Psicologia, especialmente da psicanálise, no manejo clínico desses adolescentes.

Por fim, o trabalho reforça a importância de olhar para o adolescente para além do comportamento aparente, pois, muitas vezes, o que parece apenas rebeldia é, na verdade, sofrimento psíquico tentando encontrar uma forma de expressão. Nesse cenário, a Psicologia exerce papel fundamental ao oferecer escuta, acolhimento e possibilidade de elaboração dessa dor.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ABRANTES, Thiago; COELHO, Nelson. Formulações do conceito de elaboração psíquica no pensamento freudiano: apontamentos para um debate. **Psicologia USP**, v. 33, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7nyKMFgkpVGSLKsDzZnCpNS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2026.

ANDRADE, Luciana Carla Lopes de; LANG, Charles Elias. A transferência na clínica psicanalítica com adolescentes. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 2, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282020000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 12 maio 2026.

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, p. 261-268, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/8z7BqGvXbnbppD5vdw4H8qy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. Disponível em: <https://cetapes.org/wp-content/uploads/2013/09/introduc3a7c3a3o-ao-estudo-de-psicologia.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2026.

BRANDÃO, Celia. **Família e Identidade**. E-book. Editora Appris, 281p, 2021. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=g10tEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT151&dq=O+LUTO+JUVENIL+DIANTE+D+A+N%C3%83O+ELABORA%C3%87%C3%83O+DO+DIV%C3%93RCIO+PARENTAL:+UMA+AN%C3%81LISE+DOS+MECANISMOS+DE+DEFESA+DO+EGO&ots=ICsrFYUi3&sig=hZQbFLxeMMSaDFt6KuFwll6FnnQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 14 abr. 2026.

BRITO, Claudia Vannozzi; NETO, Alfredo Naffah. As múltiplas transferências e o manejo do setting nas consultas com pais no tratamento de crianças e adolescentes: uma contribuição. **Jornal da Psicanálise**, p. 119-134, 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v51n95/v51n95a10.pdf>. Acesso em: 12 maio 2026.

CAROPRESO, Fátima. **A limitação do conhecimento de acordo com a primeira teoria freudiana do aparelho psíquico**. Natureza Humana, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 29-48, 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v18n2/v18n2a03.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2026.

CARVALHO, Luísa Martins de. **A expressão do eu no próprio corpo: a análise de uma adolescente segundo a ótica de Winnicott**. 2017. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário de Brasília. Disponível em:

<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12048/1/51600178.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

CASTRO, Millena de Souza. **Contribuições do grupo psicoterapêutico na elaboração do luto para adolescentes: uma leitura psicanalítica**. 2025. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/retrieve/13dd8b75-6cdc-413c-b632-f04fdbee3f23/31473.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2026.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto; BONFIM, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Revista Psicólogo Informação**, v. 17, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-88092013000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 15 abr. 2026.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

CLETO, Natalia da Silva Goi; SANTOS, Ana Bela dos. **A função estruturante do sofrimento: uma análise psicanalítica da negação na cultura contemporânea**. 2025. <https://repositorio.camporeal.edu.br/index.php/psico/article/view/645>. Acesso em: 02 jul. 2026.

COUTINHO, Fernanda. **Perspectivas da conceituação freudiana do Inconsciente**. 2017. 51f. Monografia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/34140/1/Fernanda%20Petinati%20Coutinho.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2026.

FRANÇA, Cassandra Pereira. Análise de adolescentes: imersões clínicas no reino da elasticidade da técnica. **Revista Estilos da Clínica**, v. 24, n. 2, p. 217-230, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v24n2/a05v24n2.pdf>. Acesso em: 12 maio 2026.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução de Durval Marcondes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução de Anna Veronica Mautner. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. (Obra original publicada em 1936).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7ed. Editora Atlas, 2019.

GUIMARÃES, Luiz Antonio; MARINHO, Yuri Emannuel Alves; PIMENTEL, Aline Rezende Faria. O luto na separação: contribuições da psicologia para o seu

enfrentamento. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/38831/32495>. Acesso em: 25 abr. 2026.

HACK, Soraya Maria Pandolfi Koch; RAMIRES, Vera Regina Robnelt. Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Revista Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p.85-97, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/V6h9SNGxDFkTQKvcWnHcHCc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 abr. 2026.

HENTZ, Rita; KUPERMANN, Daniel. O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente. **Revista Trivium - Estudos Interdisciplinares**, v. 13, n. 2, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912021000300002&script=sci_arttext. Acesso em: 12 maio 2026.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Registro civil: divórcios concedidos em 1ª instância a casais com filhos menores de idade, segundo o responsável pela guarda dos filhos e o número de filhos menores de idade – Brasil – 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

JURAS, Mariana Martins. **Papéis conjugais e parentais na situação de divórcio destrutivo com filhos pequenos**. 2009. 137f. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/104527642/33551423-libre.pdf?1690325556=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPapeis_Conjugais_e_Parentais_Na_Situacao.pdf. Acesso em: 18 abr. 2026.

JÚNIOR, Sebastião Venâncio Pereira; MASCHKE, Wilma Zuriel de Faria; AMPARO, Deise Matos do. Os modelos do enquadre analítico na clínica psicanalítica com adolescentes limítrofes. **Estudos de Psicanálise**, 2025. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372024000100145&script=sci_arttext. Acesso em: 12 maio 2026.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOTULSKI, Camila Almeida; ARPINI, Dorian Mônica. **Parentalidade no contexto do pós-divórcio: aspectos psicológicos, sociais e jurídicos**. 250p. E-book. Editora UFSM, 2025. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=52RjEQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=O+LUTO+JUVENIL+DIANTE+DO+DIV%C3%93RCIO+PARENTAL&ots=Nb4RQvrPpi&sig=tC5VYp7-nmBzBAON3F-UOWSQSgQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 abr. 2026.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. E-book. Editora

Edgard Bluecher, 5ed. 495 p. 2025. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=ocdIEQAAQBAJ&dq=adolescencia&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 10 abr. 2026.

LIMA, Tânia Daniela Pereira. **O Divórcio Parental e as Experiências Conexas na Explicação da Delinquência Juvenil**. 2021. 35f. Dissertação de Mestrado – Universidade do Minho. Disponível em:
<https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/8e032cf7-fa6f-4f64-b3ee-5fb284073992/content>. Acesso em: 10 abr. 2026.

LIMA, Roseclair Keller de Oliveira. **O lugar atribuído ao filho na cena da disputa parental judicial: uma perspectiva psicanalítica**. 2024. 141f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/d1369227-2180-4adb-b516-affe5121f837/content>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MEDEIROS, Alberto Antunes; CALAZANS, Roberto. Aproximações entre luto e adolescência. **Revista da SPAGESP**, v. 19, n. 1, 2018. Disponível em:
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v19n1/v19n1a10.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2026.

MORAIS, Andrea Carvalho de; NUNES, Rosana dos Santos; MACEDO, Francisca Socorro Lira. O luto e seus desdobramentos na existencialidade adolescente: relato de experiência no Plantão Psicológico em escolas públicas. **Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação**, v. 16, n. 34, p. 1–20, 2023.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/pB6Rn6NbJgKzRb3dnnv35qtn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2026.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/927074336/1-10>. Acesso em: 15 fev. 2026.

PARREIRA, Teresa Isabel Grave. **Mecanismos de Defesa e Experiências Depressivas: um estudo com uma amostra de Adolescentes**. 2013. Disponível em:
<https://www.proquest.com/openview/81f95229e85950186a055168e90aa899/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 22 abr. 2026.

PERUZO, Alice Schwanke *et al.* A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 3, 2007. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000300008&script=sci_arttext. Acesso em: 20 abr. 2026.

PINHEIRO, Elaine; HERZOG, Regina. Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis? **Tempo Psicanalítico**, v. 49, n. 1, p. 37-61, 2017.

Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v49n1/v49n1a03.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2026.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2026.

REZENDE, Natália Barros de. **Uso da escarificação na adolescência: Uma análise winnicottiana de um caso clínico**. 2021. 101f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/24617/1/Natália%20Barros%20de%20Rezende.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

ROSA, Helena Rinaldi; VALENTE, Maria Luisa Louro de Castro. Separação e divórcio: o olhar dos filhos. **Revista Estudos**, v. 16, 2012. Disponível em: <https://ojs.unimar.br/index.php/estudos/article/view/852>. Acesso em: 05 abr. 2026.

ROUDINESCO, Élisabeth. **O inconsciente explicado ao meu neto**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2019. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/782137327/O-Inconsciente-Explicado-Ao-Meu-Neto-Elisabeth-Roudinesco>. Acesso em: 15 mar. 2026.

ROCHA, Janaina Oliveira; NEGREIROS, Fauston. Perdas e luto: práticas em psicologia escolar e educacional. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/yDf8brKjgCJnk46Wt4kLP3F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SANTROCK, John. **Adolescência**. 14ed. Editora AMGH. 517p. 2014. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=pbo6AgAAQBAJ&dq=adolescencia&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 05 abr. 2026.

SEI, Maíra Bonafé; ZUANAZZI, Ana Carolina. A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. **Psicologia Clínica**, v. 28, n. 2, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652016000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 12 maio 2026.

SILVA, R. C. S.; VASCONCELOS, M. M. S. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2020.

SILVA, Luana Colling da; OLIVEIRA, Susani Luzia Silva; TARDETI, Kellen Luana da Silva Duarte. Luto infantil e seus mecanismos de defesa - um olhar psicanalítico. **Revista Diaphora**, v. 13, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/489>. Acesso em: 15 abr. 2026.

- SILVA, Alexandre Cavalcante da. **Adolescência e morte – uma análise psicanalítica de adolescentes em elaboração de luto**. 2016. 52f. Projeto de Pesquisa – Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: https://rii.ufam.edu.br/bitstream/prefix/5407/1/Relatorio_Final_IC_.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.
- SINISCALCHI, Marcella Bueno Brandão; CARNEIRO, Cristiana. Adolescência, Luto e História. **Revista Cadernos de Psicanálise**, v. 41, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v41n41/v41n41a08.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2026.
- SOUZA, Gabriela Medeiros de; TORRES, Leonardo Guimarães. Os efeitos do divórcio em filhos menores. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, v. 11, n. 5, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/19124/11338>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- SCHABBEL, Corinna. Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação. **Psicologia: Teoria e Prática**, 2005. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v7n1/v7n1a02.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da personalidade**. 3. ed. São Paulo: Cengage, 2015. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/603152060/Duane-P-Schultz-Teoria-Da-Personalidade-2015#google_vignette. Acesso em: 10 fev. 2026.
- TRINDADE, Jorge; MOLINARI, Fernanda. Divórcio: do processo psicológico, do luto e dos efeitos na criança. **Revista do Ministério Público do RS**, n. 70, p. 167-181, 2011. Disponível em: https://www.amprs.com.br/arquivos/revista_artigo/arquivo_1325166119.pdf. Acesso em: 10 abr. 2026.
- VIEGAS, Patrícia Coral; RAMIRES, Vera Regina Rohnelt. Pré-adolescentes em psicoterapia: capacidade de mentalização e divórcio altamente conflitivo dos pais. **Revista Estudos de Psicologia**, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/VCjMJ6ch7wp7ztcX3sjzHvJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Tradução de Álvaro Cabral. 7. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução de Iracy Doyle. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.